

LIÇÃO 04

ÍDOLOS NA FAMÍLIA

ISAQUE C. SOEIRO

SUBSÍDIO TEOLÓGICO DA REVISTA DE ADULTOS

DADOS CATALOGRÁFICOS

Diagramação e arte:

Isaque C. Soeiro

Correção orto-gramatical:

Mário Saraiva

SOEIRO, Isaque Costa. **Ídolos na Família**: subsídio bíblico-teológico da lição de adultos da CPAD. São José de Ribamar, MA: IPEC, 2023. 12 p.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. Copyright © 2023 para IPEC. Proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios – mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc. – salvo em citações com indicação da fonte.

O presente texto serve de apoio aos Educadores da Escola Bíblica Dominical, especialmente aos que ensinam a Revista de Adultos do currículo da CPAD.

Este **2º Trimestre de 2023** tem como título: **“Relacionamentos em Família: superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus”**, comentada pelo pastor-teólogo Elienai Cabral. De modo geral, este trimestre faz uma exposição bíblica e biográfica sobre várias famílias, apontando os problemas humanos e as soluções de Deus para a instituição familiar.

As citações bíblicas foram retiradas da Nova Almeida Atualizada – NAA (SBB, 3ª Ed.), salvo as indicações em contrário e devidamente referenciadas.

Este breve subsídio de apoio à **LIÇÃO 04, “ÍDOLOS NA FAMÍLIA”**, foi escrito tendo como objetivos:

- *Apresentar* referências histórico-culturais, bíblicas e teológicas sobre a idolatria para o estudo da narrativa de Gênesis 31.17-35 e Juízes 17.1 – 18.31; e,
- *Refletir* sobre os perigos das formas de idolatria e sincretismo na atualidade.

INTRODUÇÃO

Idolatria, como se sabe, se refere ao culto ou à adoração a ídolos, constituindo-se uma prática tão antiga quanto a própria humanidade. A raiz para essa prática pode estar na deturpação da necessidade de o ser humano voltar-se para Deus.

Devido à corrupção desenfreada gerada pela entrada do pecado no mundo, é óbvio que a vida religiosa do ser humano também ficaria corrompida. Nesse sentido, a idolatria pode ser entendida como uma corrupção da verdadeira religiosidade, que deveria ter como alvo único e exclusivo a adoração ao Deus Todo-Poderoso. O ídolo, então, é tudo aquilo que o ser humano coloca no lugar de Deus.

À medida em que o tempo vai passando, e devido à engenhosidade do ser humano, as práticas idólatras vão se diversificando; o que pode ser bem observado nas múltiplas religiões existentes no mundo. Ademais, alguém pode ter como religião o cristianismo, pertencer até mesmo a uma igreja evangélica, se congregar, participar das atividades congregacionais, e, mesmo assim, ser um idólatra. Não é à toa, por certo, que João alerta para isso, quando diz: “Filhinhos, cuidado com os ídolos!” (1 Jo 5.21/NAA).

A idolatria, portanto, por roubar o culto que deveria ser prestado exclusivamente a Deus, é uma prática extremamente grave, que deve ser evitada a todo custo necessário. E isso,

naturalmente, começa no ambiente familiar. A família, assim, se torna uma barreira de proteção contra a proliferação desse grave pecado.

A família que teme a Deus não deve ter espaço para os ídolos. O lugar de Deus no seio familiar deve ser preservado por todos os seus membros. Aquilo que é assistido, lido, ouvido, compartilhado, acessado; enfim, tudo deve ser para a glória de Deus (1 Co 10.31). Dessa forma, a família estará verdadeiramente guardada desse mal terrível.

Nas páginas seguintes, portanto, esse assunto será analisado, considerando, em um primeiro momento, algumas referências histórico-culturais sobre idolatria no lar; em seguida, destacar-se-ão algumas referências para a definição de idolatria à luz da Bíblia; depois, serão abordadas algumas novas faces pós-modernas de idolatria; por fim, os leitores serão conclamados a combater toda forma de idolatria no lar.

Bons estudos!

O CAOS DA IDOLATRIA

As Escrituras condenam toda forma de idolatria e a apresenta como um pecado “raiz”, uma atitude pecaminosa que está na base da rebelião humana contra o Único Deus Verdadeiro. A idolatria está sempre em maior evidência, quando o Novo Testamento descreve a corrupção generalizada da humanidade após a Queda no pecado e quando trata sobre as obras da carne (cf. Rm 1.19-25; Gl 5.20).

Na narrativa bíblica, muitas vezes o ambiente familiar foi palco de idolatrias das mais diversificadas. Especialmente no Antigo Testamento, ocorrem várias menções de casos de idolatria do lar, quando, no ambiente familiar, eram cultivados ídolos e práticas associadas à idolatria.

As narrativas de **Gênesis 31.17-35** e **Juízes 17.1 - 18.31** apresentam dois casos de idolatria do lar, em momentos distintos da história de Israel e manifestados de modos diferentes.

No presente texto, serão relacionadas informações que ajudam na compreensão do pecado de idolatria nos tempos bíblicos e na atualidade.

1.1

REFERÊNCIAS HISTÓRICO-CULTURAIS SOBRE A “IDOLATRIA DO LAR”

As narrativas de Gênesis 31.17-35 e Juízes 17.1 – 18.31 precisam ser compreendidas quanto ao seu contexto temporal, histórico e cultural.

1.1.1 - O Mundo da Época Era Absolutamente Religioso. Nos tempos bíblicos, as sociedades não faziam nenhuma separação entre o sagrado e o secular, entre o sobrenatural e o natural, entre o espiritual e o físico. Tudo quanto existia estava impregnado com a existência dos deuses.

John Walton, especialista nos costumes dos povos do Antigo Testamento, explica:

O mundo estava impregnado do divino. Toda experiência era experiência religiosa; toda lei tinha natureza espiritual; todos os deveres eram deveres para com os deuses; todos os eventos tinham a divindade como causa. Vida era religião, e a religião não podia ser compartimentada na vida. [1]

Todas as sociedades e culturas ao redor de Israel eram politeístas, reconheciam e adoravam vários deuses, para buscarem bênçãos e favor nas diversas áreas da vida pessoal, familiar, social, política, econômica, militar etc. À vista disso, os israelitas, em especial os envolvidos em Gênesis 31.17-35 e Juízes 17.1 – 18.31, absorveram essa mentalidade das sociedades da época, para as quais tudo estava relacionado aos deuses e suas interferências nos assuntos humanos.

[1] WALTON, John H. **O pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**: uma introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica. São Paulo, SP: Vida Nova, 2021, p.69.

1.1.2 - O Mundo Praticava uma Religião Iconofilista. Nos tempos bíblicos, as religiões praticavam sua fé com base na representação física das divindades, por meio de pinturas, esculturas e fundição.

Neste cenário religioso politeísta, a arte religiosa servia para os diversos cultos idólatras (cf. At 19.1-41). A ideia da idolatria e construção de ídolos era representar um deus/ídolo invisível, por meio de um objeto visível; de forma que aquele que possui a imagem visível possui certa autoridade sobre o deus/ídolo invisível (cf. Is 46.1-2). A fé nos deuses era cultivada por meio dos ídolos.

1.1.3 - O Mundo da Época Era Absolutamente Idólatra. Nos tempos bíblicos, os deuses principais de um povo habitavam em espaços e templos especialmente consagrados a eles, ondem eram adorados por meio de diversos rituais. Contudo, além dos templos e altares oficiais, o próprio lar ou casa podia ser lugar de habitação de certas divindades, chamadas de “ídolos do lar” ou “ídolos domésticos”.

A expressão traduzida por “ídolos do lar” ou “ídolos doméstico” é, no hebraico, *teraphim* (*hat-tə-rā-ḵîm*). Essa expressão hebraica se referia a imagens, esculturas ou objeto de reverência, como meio de adivinhação e para a adoração idólatra[2]. Os *terafins* ou ídolos do lar eram pequenas esculturas portáteis e que poderiam compor um santuário ou altar doméstico. Às vezes, poderiam ser fabricados por mestres de arte que produziam imagens esculpidas em pedaços de madeira, pedras ou materiais nobres, ou ainda faziam imagens de fundição de materiais nobres em altas temperaturas. Veja, por exemplo, que Raquel facilmente escondeu seu pequeno “ídolo do lar” embaixo da sela do seu camelo e que, na casa de Mica, tinha sido construído um altar doméstico com deuses fabricados com maior

[2] JAMES, Strong. **Dicionário hebraico e grego**. Referência n. 8655.

critério artístico (uma “imagem de escultura” e uma “imagem de fundição”).

No ambiente doméstico, esses ídolos funcionavam como deuses pessoais, para os quais se buscava favores, como a proteção familiar, a fertilidade, curas, prosperidade econômica, boas colheitas familiares, garantia de um futuro abençoado etc.

1.2

A REFERÊNCIAS PARA A DEFINIÇÃO BÍBLICA DE IDOLATRIA

As sociedades dos tempos do Antigo Testamento e Novo Testamento eram altamente religiosas, seguindo o politeísmo. Nesse contexto sociocultural, o Único Deus Verdadeiro de Israel condenou toda forma de idolatria. No Decálogo, o núcleo da Lei e da aliança com Israel, Deus condenou duas formas comuns de idolatria: 1) O *primeiro mandamento* proibiu a adoração a qualquer outro deus, senão o Senhor YAHWEH dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (Êx 20.3); e, 2) o *segundo mandamento* proibiu a adoração do Único Deus por meio de qualquer imagem ou ídolo pintado, esculpido ou de fundição (Êx 20.4-6; cf. Dt 4.15-20).

Isso posto, essas prescrições básicas contra as práticas idólatras de reverenciar e adorar imagens pintadas, de esculturas e de fundições apontam para o centro da idolatria: o coração. O coração está inclinado e repousado para o quê?

O Antigo e o Novo Testamento oferecem os princípios segundo os quais a idolatria é definida na sua raiz: ou seja, idolatria é a inclinação devota do coração/vida para qualquer coisa que não seja Deus ou além de Deus.

O pastor-teólogo Jonas Madureira, em palestra realizada no ano de 2014, na cidade de São Luís (MA), e intitulada de “Teologia da Idolatria: você se torna aquilo que adora”, afirmou *ipsis litteris*:

O preconceito dos evangélicos em relação às imagens de idolatria acaba por criar uma barreira em relação aos ídolos e idolatria que existem dentro do meio evangélico. Somos iconoclastas. Partimos do pressuposto de que não temos nenhuma idolatria, porque não temos imagens idolatras. Mas, idolatria é a inclinação do coração para qualquer coisa que não seja Deus. Ídolo não é simplesmente um artefato das nossas mãos, mas, sobretudo, do nosso coração. É um construto do nosso coração.

A idolatria é sempre a inclinação do coração para qualquer coisa que não seja Deus; de forma que ocupe ou diminua o lugar de Deus no coração. A idolatria ocorre todas as vezes que uma pessoa crer, valoriza e vive em função de qualquer coisa que ocupe o lugar de Deus. Quando a glória devida a Deus é dada a qualquer outra coisa criada ou quando a glória devida a Deus é diminuída diante de outras coisas.

Por exemplo, o Novo Testamento aponta para o fato de que o dinheiro/riquezas materiais ou qualquer coisa cobiçada podem ser tratadas de modo idólatra (Mt 6.19-21,24; Rm 1.19-25; Cl 3.5). Segundo P. C. Craigie afirma: “a cobiça é um ‘ídolo’, em virtude de tornar-se o enfoque imediato dos desejos da pessoa, e é ‘adoração’, porque toma o lugar da adoração a Deus”[3].

[3] CRAIGIE, P. C. Idolatria. In.: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja cristã**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009, p.285.

1.3

NOVAS FACES DA IDOLATRIA NA PÓS-MODERNIDADE

As narrativas de **Gênesis 31.17-35** e **Juízes 17.1 - 18.31** precisam ser compreendidas quanto à sua atualidade e ensino e quanto às sutilezas da idolatria na pós-modernidade.

A história geral da humanidade e das religiões, à luz das Escrituras, deixa evidente que os ídolos são fabricados pelos homens, com suas mãos, com suas aspirações, materiais terrenos e formas do que é terreno. Mas, essencialmente, os ídolos são produtos do coração.

Além da idolatria voltada para santos canonizados pelo Catolicismo, imagens e esculturas, existe a sutileza da idolatria, quando a pessoa – e mesmo crentes! – dedica sua vida ao acúmulo das riquezas (dinheiro), aos desejos das impurezas sexuais, à sedução do poder e influência, ao conforto, entretenimento, (esses são ídolos do coração). Esses ídolos não possuem imagens de escultura, não possuem altares e santuários; mas esses ídolos modernos competem pelos corações e centro das vidas.

CONCLUSÃO

“COMBATENDO TODA FORMA DE IDOLATRIA”

Toda forma de idolatria – com ou sem ídolos representados – flui da raiz da rebeldia humana contra Deus e é continuamente motivada pela natureza carnal-pecaminosa (Rm 1.19-25; Gl 5.20).

Idolatria é falsificação maligna da relação que deveria existir entre o homem e o Único Deus Verdadeiro. É o atentado humano contra o Único Criador, reduzindo o Único Deus Verdadeiro à imagem de coisas terrenas ou levantado “outros deuses” no lugar do Deus Verdadeiro.

À vista disso, é preciso ter convicção de que a idolatria e construção de ídolos sempre foi e ainda é uma sutil e sedutora tentação no meio da Igreja, o povo de propriedade exclusiva de Deus e chamado para servir e adorar ao Único Deus Verdadeiro. No século XXI, a idolatria assume nova forma, pois a maioria dos ídolos que seduzem o povo de Deus não são feitos por mãos humanas, mas se alimentam dos pensamentos, desejos e vontade: são os ídolos do coração.

Dois pontos devem ser seriamente considerados quanto à verdadeira fé diante dos perigos das formas de idolatrias:

1. O cristão precisa viver absolutamente para Deus. A fé, amor, comunhão e serviço ao Único Deus revelado em Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo, não poder ser dividida ou fragmentada com outros seres ou coisas, sejam representados por imagens ou não.

É necessário viver de forma sóbria, com discernimento e vigilância, evitando que Deus seja negado ou esquecido. Na vida cristã, deve cultivada cada vez mais a unicidade, singularidade e incomparabilidade de Deus como Único e Verdadeiro, a quem é devida toda honra, temor, amor e serviço. O Senhor Jesus disse: *“E a vida eterna é isto: conhecer a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste ao mundo”* (Jo 17.3/NVT). E mais: *“Para nós, porém, Há somente um Deus, o Pai, por meio de quem todas as coisas foram criadas e para quem vivemos. E há somente um Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas foram criadas e por meio de quem recebemos vida”* (1 Co 8.6/NVT).

2. O cristão precisa abandonar toda forma de sincretismo religioso. O sincretismo religioso é a formação de uma religiosidade que mistura diferentes elementos de religiões diferentes – doutrinas, rituais, símbolos. É a prática de combinar elementos de várias religiões. Atualmente existe a tendência de nomear o sincretismo pelos termos birreligiosidade ou plurirreligiosidade, devido à intensificação da mistura de elementos de diferentes tradições religiosas, conforme o gosto pessoal dos fiéis.

Desde os tempos do Antigo Testamento, na história de Israel, o sincretismo foi uma constante tentação enganosa, com aparência de coisas que são devidas ao culto a Deus; mas que, na verdade, são corrupção espúria. Muitas vezes, os israelitas tentaram – ao mesmo tempo – agradecer a Deus e servir outras divindades, ou, servir ao Único Deus de Israel com rituais e práticas de outras religiões (cf. 2 Rs 17.24-41).

Atualmente, o cristão pode incorrer em duas formas de sincretismo:

A. O sincretismo segundo o qual o cristão mistura elementos religiosos espúrios para servir ao Único Deus. Um exemplo evidente é a situação das denominações neopentecostais, que, nos seus cultos, misturam elementos de outras religiões. Muitas desses grupos neopentecostais negam o Evangelho, e buscam fazer uma fusão de elementos do Judaísmo, Catolicismo e Religiões Afro. Essa mistura é altamente enganosa, nociva e apóstata.

B. O sincretismo segundo o qual o cristão tenta servir a Deus e aos ídolos modernos. Os ídolos modernos são aqueles que não possuem imagens, esculturas ou santuários físicos, mas dominam o coração e os anseios da pessoa. São os ídolos do coração. Esses ídolos podem ser, entre outros, as riquezas, as impurezas sexuais, a sedução do poder e influência, o conforto, entretenimento. Esses ídolos escravizam e privam a honra, amor e serviço devido ao Único Deus. Contudo, na autêntica vida cristã, impera somente o Único Deus revelado em Cristo, por meio do Espírito Santo, nas Escrituras.

Deus criou o ser humano para desfrutar somente da sua presença e comunhão. Apesar da Queda do homem no pecado, Deus, em seu amor e graça, está redimindo e recriando em Jesus Cristo um novo povo, uma nova criação; da qual a Igreja é a primícia, para cultivar a verdadeira religião, que é honrar, temer, amar e servir unicamente a Deus – o Pai, o Filho e o Espírito Santo!



AUTOR: PR. ISAQUE C. SOEIRO, pastor auxiliar na Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Satubinha (MA) e filiado na CEADEMA – Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão.

Graduações em: Bacharel em Administração (UNITINS-TO), Bacharel em Teologia (FATEH-MA).

Pós-graduações em: Especialização em Gestão Educacional (UNISEB-COC), Especialização em Ciência das Religiões (ILUSES/FATEH-MA), Mestrado em Teologia (FAETAD) e Mestrando em Ciência das Religiões (ILUSES/LUSÓFONA).

Diretor do Instituto Pentecostal de Educação Cristã – IPEC.

E-mail: ic.soeiro.ic@gmail.com.



REVISOR: PR. MÁRIO SARAIVA, pastor auxiliar na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Buriticupu (MA) e filiado na CEADEMA – Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão.

Graduações em: Licenciatura em Letras, com habilitação em Português, Inglês e suas respectivas literaturas (Universidade Estadual do Maranhão – UEMA).

Pós-graduações em: Especialista em Teologia (Universidade Estácio de Sá – UNESA), Pós-Graduando em Exegese Bíblica (Centro de Estudos Bet-Hakam) e Mestrando em Ciências Teológicas (Universidade de Desenvolvimento Sustentável – UDS, Assunção, Paraguai).

E-mail: pr.mariosaraiva@gmail.com

REALIZAÇÃO



APOIO

